

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E AS SUAS CONEXÕES COM OS SABERES
ANCESTRAIS: uma experiência na comunidade Sítio Veiga, Quixadá, Ceará

*STORYTELLING AND ITS CONNECTIONS WITH ANCESTRAL KNOWLEDGE: an
experience in the Sítio Veiga community, Quixadá, Ceará*

Fernanda Ielpo da Cunha¹ - UECE

José Gerardo Vasconcelos² - UFC

Antônio Fernando Zucula³ - USTM

Emanoel Luís Roque Soares⁴ - UFRB

RESUMO

Objetiva-se compreender como as contações de histórias contribuem para a perpetuação dos conhecimentos ancestrais e o fortalecimento da identidade do quilombo Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará. Teve-se como aparato metodológico a tipologia exploratório-descritiva com abordagem qualitativa, utilizando-se das técnicas de entrevistas semiestruturadas, com modalidade norteadora etnográfica, de observação participante. Os resultados apontam para a relevância das contações de histórias para dar continuidade aos ensinamentos ancestrais, bem como à própria preservação da identidade quilombola, presentes em cada semente crioula, na dança de São Gonçalo, na luta pela terra/território e nos rituais sagrados dos quintais produtivos do Sítio Veiga e suas plantas medicinais usadas para a cura dos males da alma. Por tudo isso, a contação de histórias é oralidade, é ancestralidade, narradas e contadas pelas figuras das contadoras de histórias, guardiãs da sabedoria ancestral e do futuro das próximas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Quilombo; Educação.

ABSTRACT

The objective of this study is to understand how storytelling contributes to the perpetuation of ancestral knowledge and to the strengthening of the identity of the Sítio Veiga quilombo in Quixadá, Ceará. The methodological framework adopted was exploratory-descriptive in nature, with a qualitative approach, employing semi-structured interviews with an ethnographic guiding modality, and participant observation. The results highlight the importance of storytelling in continuing ancestral teachings, as well as in preserving the Quilombola identity, present in every Creole seed, in the dance of São Gonçalo, in the struggle for land/territory, and in the sacred rituals of the productive backyards of Sítio Veiga and its medicinal plants used to heal the ailments of the soul. For all these reasons, storytelling represents oral tradition and ancestry, narrated and retold by storytellers, guardians of ancestral wisdom and of the future of the coming generations.

KEYWORDS: Dance, Quilombo, Education.

¹Doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Graduada em Serviço Social pela UECE. Membro do Grupo de estudos Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/UECE). E-mail: ferielpo@gmail.com

²Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutorado em Sociologia pela UFC. Líder do Grupo de Pesquisa de História e Memória da Educação do CNPq - NHIME. gerardovasconcelos1964@gmail.com

³Doutoramento em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente na Universidade São Tomás de Moçambique, na Universidade Joaquim Chissano, no Instituto Superior de Ciências e Gestão e Escola Superior de Gestão Corporativa e Social CBS Corporate Business School. E-mail: anzucula@gmail.com

⁴Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor permanente do mestrado profissional de história da África da diáspora e dos povos indígenas/CAHL do mestrado profissional em filosofia/CFP e do curso de licenciatura em filosofia/CFP da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: emares@ufrb.edu.br

INTRODUÇÃO

O Sítio Veiga é uma comunidade de remanescente quilombola tradicional, negra e rural, situada geograficamente no Sertão Central do Ceará, na cidade de Quixadá, localizada no distrito de Dom Maurício, também conhecido como Serra do Estêvão. Os que lá habitam têm como referência os ensinamentos ancestrais do casal fundador do quilombo, Francisco Ribeiro Bessa (conhecido como Chiquinho Ribeiro ou Pai Xigano) e Maria Fernandes da Silva (conhecida como Mãe Veia), onde fixaram raízes, deixando o seu legado através da oralidade e suas contações de histórias, que se refletem no cultivo de sementes crioulas, no ritual sagrado da dança de São Gonçalo e na luta pela terra e pelo território como símbolo de resistência de sua história e identidade sociocultural.

Isso faz lembrar que no Sítio Veiga a contação de histórias estabelece uma interação com tudo em sua volta, presente nas vivências cotidianas e nas debulhas de feijão e suas sementes tradicionais, representando os mais sábios conhecimentos ancestrais. Esses são momentos muito preciosos, por reunirem as diversas gerações do quilombo; os mais velhos, relembando seus antepassados, compartilham suas vivências cotidianas, suas lutas, seu cansaço, seus sonhos; a criança e a juventude aguardando que alguém lhes conte as histórias antigas de assombração (Cunha, 2020). Logo, eles(as) crescem escutando as histórias de seus(uas) ancestrais, perpetuando-se através da oralidade entre as gerações.

Ademais, no Sítio Veiga as contações de histórias se destacam como momentos lúdicos e criativos, em que as crianças, desde a mais tenra idade, aprendem o ofício do cultivo de sementes crioulas; os dedinhos miúdos ajudam a debulhar o feijão, nas atividades diárias, cuja recompensa mais esperada é a contação de histórias narradas, como a famosa história da “Cruviana”⁵, contada por tia Ana Eugenio, além dos *Contos de antigamente*, da escritora adolescente quilombola do Sítio Veiga Rádlei Eugenio Dóroth, e suas histórias: “A velha chata e o pé de pinhão-roxo”, “O alto da Pelelé” e “O homem que não ia ao enterro até o fim”, além de “Primo Jorge”, narrada pela professora Maria do Socorro. Todas essas histórias foram aprendidas por seus ancestrais e repassadas entre as gerações, fazendo potencializar as lembranças dos que já se foram, trazendo à tona sua presença e saudade, que os mantêm vivos nos contos narrados.

Assim, compreender quem são os quilombolas tem sua relevância, pois seu significado reacende uma identidade construída historicamente pelos povos africanos que deixaram seus legados e ensinamentos para seus descendentes no mundo. Uma história assinalada não somente de luta, mas também de amor ao solo sagrado e veneração aos ensinamentos dos seus ancestrais, dos ritos de passagem perpetuados entre as gerações, configurando a contação de histórias o elo para a preservação desses saberes e pertencimento coletivo, que expressa a experiência e a cosmovisão de vida dessa população.

Convém salientar que, segundo Hampâté Bâ (2010), os povos africanos que mais se destacaram com o repasse e preservação dos conhecimentos ancestrais através da oralidade foram os povos griots, atuando na incumbência de repasse oral das atividades lúdicas que reproduzem a vida, a cultura e as tradições, envolto pela beleza da poesia lírica, da música e da contação de histórias. “[...] os griots genealogistas, especializados em história de família e geralmente dotados de memória prodigiosa, tornaram-se naturalmente, por assim dizer, os arquivistas da sociedade africana e, ocasionalmente, grandes historiadores” (Hampâté Bâ, 2010, p. 199).

Além disso, é na herança cultural oral da contação de histórias que é legítimo transmitir o conhecimento científico africano que outorga suas diásporas no mundo, sobretudo ao

⁵ A Cruviana é o vento forte que assobia durante a madrugada no Sítio Veiga.

considerar suas oralidades, transmitidas pelos antepassados, as histórias, lutas e resistências, a conexão com a terra e as plantas medicinais, as culturas retidas nas teias e nas memórias de seus ancestrais, tal como afirma Hampaté Bâ (2010, p. 167):

[...] um velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a ‘ciência das terras’ (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a ‘ciência das águas’, astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática.

Assim, é na oralidade que os saberes dos mais velhos são perpetuados intergeracionalmente, garantindo o testemunho verbal da palavra transmitida e sua preservação. “[...] Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, isto é, a tradição oral” (Vansina, 2010, p. 140). É nessa relação, portanto, que se constrói a fundamentação do convívio humano social, bem como da institucionalização social, cujo ponto de partida na sociedade oral será sempre baseado no legado oral perpetuado e transmitido coletivamente.

Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários *status* sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido. Numa sociedade oral isso é feito pela tradição, enquanto numa sociedade que adota a escrita somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição (Vansina, 2010, p. 146).

Relembra Domingos (2011) que os ancestrais seriam, portanto, seres humanos preciosos, uma biblioteca do tempo passado, que evoca sabiamente no tempo presente a sabedoria, a autoridade dos que vão envelhecendo, passando de uma geração à outra os ensinamentos daqueles que cumpriram sua missão, mas que se mantêm vivos na memória. Nesse sentido, os ciclos da vida e seus rituais são revelados e socializados pelo passado no presente, a considerar a vida (nascer), o matrimônio (união), o perecer (morte), etc., mas também os festejos, celebrando e renovando a vida, o plantio, a colheita, a caça, etc. Tal fato suscita a reflexão do quanto são de fato importantes os ensinamentos ancestrais nos estágios que percorrem o processo psicossocial do ser humano, da consciência de si mesmo(a), de suas raízes, tornando, assim, de grande valor que seja ensinado desde a mais tenra idade, a exemplo da cerimônia de passagem e da dimensão transcendental, como a fé e a devoção a São Gonçalo e a contação de histórias, que tem esse papel de fortalecer a oralidade e a memória ancestral.

Haerter, Barbosa Júnior e Bussoletti (2017) reforçam que a prática de contar histórias nas comunidades tradicionais geralmente é trazida por aqueles que têm a incumbência da reminiscência de seus ancestrais, que conhecem suas raízes e tradições, representando o compromisso em manter vivos seus costumes. Essa ação estabelece ainda o poder latente da força e luta por suas histórias, por sua cultura, pela singularidade daquela comunidade, dos aspectos de socialização por via da oralidade, aproximando ainda mais os quilombolas e os sentimentos de pertencimento coletivo, de identificação étnica, o que nos leva a suscitar a reflexão do quão importante é o papel de um narrador de história dentro das famílias tradicionais.

Mas a contação de histórias nessas comunidades também foi, e continua sendo, uma expressiva forma de resistência, na medida em que, cultural e historicamente falando, os quilombolas resistiram através da memória e da

preservação e ressignificação de suas crenças, costumes, valores civilizatórios marcadamente africanos (Haerter; Barbosa Júnior; Bussolleti, 2017, p. 93).

Isso posto, justifica-se este estudo pelo interesse motivador de dar visibilidade aos ensinamentos repassados pelos ancestrais da comunidade Sítio Veiga, tomando como referência as contações de histórias presentes no cotidiano do quilombo. Ademais, esta escrita vai ao encontro de quebrar os preconceitos, racismos e estereótipos sobre a cultura desses povos, outrora alvo negativo do olhar eurocêntrico, que postulou essa cultura como uma de menor valor, desvalorizando ou invisibilizando sua oralidade e sabedoria ancestral – tidas como não aceitas no universo acadêmico e científico, sobretudo da história oficial. Dito dessa maneira, protagonizar os quilombolas como os principais construtores de sua história é reescrever o que não foi dito, silenciado, enclausurado, que precisa, portanto, chegar à sociedade, às instituições, ao ensino e à pesquisa.

Congruente com o que já foi explicitado, o presente estudo traçou o objetivo de compreender como as contações de histórias contribuem para a perpetuação dos conhecimentos ancestrais e o fortalecimento da identidade do quilombo Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará. O estudo ainda é um recorte maior da dissertação de mestrado intitulada *Os saberes ancestrais e o cultivo de sementes crioulas: estudo no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-Ceará* (Cunha, 2020) e da tese de doutorado nomeada *Biografia de uma educadora quilombola: formação docente e atuação da Maria do Socorro Eugênio da Silva (1955-2001)* (Cunha, 2024). Para tanto, a pesquisa em questão é de cunho qualitativo, tendo como aparato metodológico a tipologia exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa, valendo-se das técnicas de entrevistas semiestruturadas, cuja modalidade norteadora foi a etnográfica, de observação participante, métodos fundamentais para uma maior aproximação e interação com os sujeitos sociais da pesquisa.

Por tudo isso, é de mais extrema relevância evocar quem são os quilombolas do Sítio Veiga, suas contações de histórias e a memória latente de seus ancestrais, contadas e narradas em cada semente crioula, nos rituais sagrados, na luta pela terra e pelo território, cujas marcas mobilizam sentimentos, lembranças, afetos, saberes, mas também necessitam de pesquisa e visibilidade do legado sociocultural desses sujeitos sociais como construtores da história – história da África e de suas diásporas no mundo, no Brasil, no Sítio Veiga, Ceará.

METODOLOGIA

O estudo em questão segue o método qualitativo, o qual, segundo Minayo (2009, p. 21), “[...] trabalha com o universo de significado, dos motivos, das inspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A referida autora enfatiza que esse tipo de abordagem é utilizado quando se busca compreender um determinado fenômeno na perspectiva dos indivíduos que o vivenciam. O estudo recorreu ainda à modalidade e revisão de literatura com análise bibliográfica, descrição etnográfica, de observação participante *in loco*.

Os referidos métodos escolhidos se complementam nesta pesquisa. Quanto ao método etnográfico, estabelece caminhos rumo ao entendimento dos aspectos socioculturais das comunidades tradicionais, suas condutas, suas expressões culturais, sua singularidade, cujas descrições dos eventos e do território por onde transitam precisam de olhar mais cuidadoso, muitas vezes silencioso do pesquisador. “[...] O enfoque etnográfico intenta descrever a totalidade de um fenômeno (grupo social, aulas, festas populares, etc.) em profundidade e em seu âmbito natural, compreendê-lo desde o ponto de vista dos que estão implicados nele [...]” (López, 1999, p. 46).

No tocante à observação participante, a escolha ocorreu pelo vínculo já existente entre a pesquisadora e o Sítio Veiga, favorecendo o contato estabelecido com os sujeitos sociais da pesquisa e o contato com as fontes recolhidas. O caminho percorrido na pesquisa deu-se ainda pela ânsia de não ser mera observadora, bem como por querer interagir com esses sujeitos sociais, envolvendo-me no cotidiano, participando de suas vivências e experiências ativamente, levando-me mais ativamente a articular o método etnográfico consubstanciado com a observação participante.

O método etnográfico permite a aproximação e detecção que favorecem a coleta de dados nas respectivas fontes, utilizando os principais instrumentos como observação participante, os entrevistados, os documentos pessoais, com o propósito de proceder a investigar dados descritos, palavras escritas e/ou orais, em condutas observáveis dos populares participantes, de conhecer as pessoas e perceber como elas desenvolvem suas próprias definições (López, 1999, p. 46).

Ademais, o caminho proposto pela observação participante seguiu um roteiro previamente elaborado, todavia aberto, podendo ser readaptado desde que se assentou com os participantes da pesquisa, considerando a dinâmica da realidade *in loco*. Além disso, foi possível um maior envolvimento dos pesquisadores nas atividades do cultivo de sementes crioulas e nas contações de histórias, somadas às atividades compartilhadas e vivenciadas na comunidade, tais como: ações inerentes ao plantio e colheita das sementes crioulas; festas celebradas em torno desse cultivo; participação nas reuniões de representação da associação comunitária em torno das questões de ordem socioeconômica, política e cultural; visitas domiciliares, possibilitando, assim, conhecer melhor alguns aspectos individuais e familiares dos(as) pesquisados(as) e atinentes às reminiscências das suas memórias a respeito dos conhecimentos recebidos por seus ancestrais; envolvimento em feiras e intercâmbios promovidos e articulados pelo quilombo e outras entidades que socializaram e compartilharam saberes sobre as sementes crioulas e as contações de histórias.

Assim, nos meses de junho a agosto de 2019, iniciamos as primeiras coletas de pesquisa *in loco*, após aprovação, autorização e determinação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - Parecer de Aprovação nº 3.422.994, que envolve seres humanos. As coletas das informações foram registradas em diário de campo e gravações audiovisuais, devidamente autorizados pelos(as) envolvidos(as) no estudo, respeitando as determinações legais da Resolução nº 466/2012, que trata e regulamenta as diretrizes e normas que envolvem pesquisas com seres humanos, contendo ainda um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido escrito e assinado pelos(as) participantes, que permitiram ser observados(as) e voluntariamente participaram da pesquisa, como veremos mais adiante.

O universo da pesquisa geral considerou 15 quilombolas, tomando como critério de inclusão: que residam e morem no quilombo e que trabalhem ou têm conhecimento sobre o quilombo, os(as) quais voluntariamente se dispuseram a responder à entrevista com perguntas previamente semiestruturadas. Ademais, prezou-se o anonimato dos(as) participantes e das respostas, tendo sido a amostra definida com base na congruência ou coincidência de opiniões contidas nas falas dos(as) entrevistados(as). Contudo, para fins do recorte desta pesquisa, foi considerada apenas uma amostra desse universo, cujo interesse foi focado nas contações de histórias, articuladas aos conhecimentos ancestrais sobre as sementes crioulas, a dança de São Gonçalo e os rituais sagrados presentes nas narrativas dos(as) entrevistados(as), em que usamos nomes fictícios para assegurar o anonimato das falas dos(as) entrevistados(as), elegendo-se os(as) que fazem referências neste artigo às diversas variedades de sementes crioulas cultivadas nas atividades agrícolas no quilombo, tais como: 1) Fava; 2) Fava Espírito Santo; 3) Feijão Pingo de

Ouro; 4) Feijão Sempre Roxo; e 5) Milho Vermelho, além do senhor Pedro e Rosimeire, que assinaram o Termo de Consentimento autorizando a divulgação de suas identidades na pesquisa durante o estudo de doutoramento, em 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

DÓROTH E AS HISTÓRIAS DE ANTIGAMENTE: um diálogo intergeracional

Como dito anteriormente, a presente pesquisa percorreu o cenário de narrativas das contadoras de histórias do Sítio Veiga, buscando apreender as histórias guardadas nas lembranças e articulações com os ensinamentos ancestrais. Assim, a ponte entre essas memórias não se restringe apenas à compreensão desse passado, compreendendo também além do que foi dito e aquilo que se esconde por trás dessas histórias, tais como a dimensão do pertencimento coletivo e a articulação com o espaço político, social e cultural, que se atrelam aos conhecimentos ancestrais herdados pelos troncos velhos e as gerações mais novas, guardiões(ãs) da sabedoria ancestral do Veiga.

É de extrema importância o conhecimento repassado pelos mais velhos, detentores de sabedoria pela experiência no chão que habitam, porque acredito ser uma constituição dos conhecimentos, opiniões, gostos e valores das pessoas que vieram antes de mim, minha bisá, avó e tantas outras ancestrais. Somos resultados de conhecimentos, culturas, crenças, costumes, valores civilizatórios e até desse pertencimento identitário repassado pelos mais velhos [...] (Feijão Pingo de Ouro).

Assim, Dóroth (2017) compõe atualmente uma das gerações mais novas de contadoras de histórias do Sítio Veiga, fazendo parte da sexta geração, filha da contadora de história Ana Eugenio e neta também da contadora professora Maria do Socorro. Desse modo, é nos contos de Dóroth que ela lança luz à memória e aos ensinamentos herdados de seu avô ancestral Zé Lourenço, sobretudo das histórias: “A velha chata e o pé de pinhão-roxo”⁶, “O alto da Pelelê”, “O homem que não ia ao enterro até o fim”, sendo estes apresentados por narrativas orais que permitem um diálogo intergeracional entre ela, uma adolescente, e os ensinamentos do seu avô, permitindo, assim, que ela conheça a história dos seus troncos velhos, mas que também possa socializar esses saberes aos mais jovens, bem como que mais velhos também compartilhem de suas experiências e saberes, tal como descritos na história: “Meu avô contava muitas histórias na debulha de feijão. As histórias de assombração eram as mais apreciadas por todos [...]” (Dóroth, 2017, p. 5).

Visivelmente são as histórias de assombrações aquelas com mais destaques nas obras de Dóroth, fazendo elucidar ser algo comum nas comunidades tradicionais esse tipo de narrativa. Ademais, é na tradição das contação de assombração que são perpetuadas as mais belas, antigas e imortalizadas contações de histórias, criando fortes vínculos afetivos, socialização e saberes entre os familiares e os mais velhos detentores dos mananciais históricos. Sobre esses aspectos, Costa (2024) ressalta:

As narrativas de assombração, concedidas na tradição oral das sociedades que as reproduzem, são transmitidas pelos indivíduos mais velhos que carregam consigo suas memórias do passado. Essas histórias fantásticas criam uma

⁶ “Pinhão-roxo, *Jatropha gossypifolia*, é muito conhecido pelos quintais e campos brasileiros – e também muito usado na medicina popular, nos banhos de descarrego, possuindo inúmeras propriedades” (Greenme, 2016).

relação das gerações mais novas com o passado daquele grupo [...], que elas são potencialmente geradoras de consciências históricas.

Reforça ainda Costa (2024) que as histórias de assombrações se mostram como um potente recurso metodológico para o desenvolvimento da consciência histórica, visto que, quando às crianças lhes é possibilitado o contato com as narrativas presentes nas contações de histórias, ao analisar esses dados, elas também estariam tendo a oportunidade de estabelecer a aproximação com as experiências passadas de seus anciãos, dos locais que foram percorridos por eles, despertando em algumas o interesse de se tornarem agentes históricos dessa memória cultural, tal como ocorreu com Dóroth nos seus contos de assombração, que trazem as marcas do tempo em que seu avô cultivava as sementes crioulas, as quais fazem parte do cotidiano das famílias do Sítio Veiga, mantendo vivos os ensinamentos dele e dos(as) outros(as) antepassados(as).

Nós já nascemos sabendo das sementes [...]; desde criança que nós fomos criadas aprendendo com nossos pais e avós. Eles contavam muitas histórias dessas sementes e diziam: ‘Aquele é para guardar; aquela é para comer’, e foi assim que a gente foi criada [...] (Feijão Sempre Roxo, 2019).

Segundo os(as) entrevistados(as), a relação dos ensinamentos ancestrais no tocante ao cultivo de sementes crioulas envolve além do plantio, despertando os valores do respeito aos conhecimentos ancestrais, o repasse desses conhecimentos às outras gerações, a preservação da natureza, o cuidado com cada etapa do plantio das sementes, a dimensão dos aspectos coletivos e de pertencimento étnico-racial, sendo todo o processo social e participativo, com formas próprias de organização, fortalecido na contação de histórias e dos ensinamentos dos(as) ancestrais, como nos fala Fava (2019):

[...] sempre quando a gente vai plantar, a gente está se lembrando do nosso antepassado. Eita! Como lembro que meu pai gostava tanto de plantar essa semente; não deixava acabar, não. Aí a gente tem o cuidado, lembrando aqueles ensinamentos, fazendo como faziam nossos antepassados.

Acrescenta ainda Fava Espirito Santo (2019):

[...] É uma semente que é cuidada, que é selecionada, essa semente ela passa nas mãos de todo mundo. Olha como isso é bacana, essa semente, ao ser plantada, ela passa nas mãos de muita gente nesse processo de cuidado, de limpar, mais uma vez vai um monte de pessoas para fazer parte desse processo, é um processo coletivo [...]. O que eu chamo de coletivo, porque lá os trabalhadores, os agricultores, eles não têm como pagar diária, então eles trocam os dias. Então, essas sementes são construídas em um processo organizativo; quando a galera está ali limpando o mato ou plantando, está falando do seu dia a dia, está planejando, está falando do passado. Então, falar de sementes crioulas é ancestralidade, é manter vivas nossas memórias. Você olha e começa a analisar a história da semente crioula, não olha para as sementes como só uma semente, mas como uma vida.

Ademais, no texto “A velha chata e o pé de pinhão-roxo”, a narrativa aborda uma velha que era muito avarenta e sovina, que se recusava a ser solidária quando alguém de sua comunidade estava passando por problemas. Desse modo, quando a velha morreu, as pessoas não foram ao seu enterro, precisando os bêbados fazerem essa missão, os quais deram uma surra de pé de pinhão-

-roxo nela com a intenção de tirar as maldições que haviam recaído sobre o seu corpo, impossibilitado de ser enterrado de tão pesado que tinha ficado. Nas narrativas é possível notar os costumes antigos do uso do pé de pinhão-roxo para curar, a dimensão do sagrado ao referir-se ao pé de pinhão-roxo e seu dom para retirar os maus espíritos, a maldade, obter uma cura, amenizar e aliviar o sofrimento. Trata-se, neste sentido, de uma relação dotada de representação não só material como também espiritual, usada a favor dos males da alma e da cura.

[...] na tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. [...] consegue-se colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo por menor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (Hampâté Bâ, p. 169).

Além disso, o enredo traz à baila não só o poder da magia da planta, mas também chama a atenção para os aspectos da coletividade que são tão presentes nas sociedades tradicionais, fomentando esses valores indispensáveis nos laços de pertencimento e solidariedade, nas partilhas de seus valores e crenças e no bem comum, sobretudo no coletivo, em oposto ao individual. Logo, o comportamento da velha chata, por ser egoísta, distancia-se totalmente dos valores de solidariedade e organização social baseados na colaboração, já que simbolizam também a cadeia de apoio mútuo, em que todos(as), a exemplo do Sítio Veiga, interligam-se na produção, distribuição e consumo de suas sementes crioulas, nos ensinamentos ancestrais, assegurando, assim, a sobrevivência e o viver em comunhão.

Já no texto “O homem que não ia ao enterro até o fim”, a narrativa da autora mais uma vez fala da magnitude pé de pinhão-roxo. Aqui o personagem fala de um homem que não cumpria os rituais fúnebres de seus amigos e vizinhos até seu término, sendo amaldiçoado e castigado com o seu corpo pesado após a morte, em que foi preciso surra de pinhão-roxo para trazer leveza ao seu corpo e, assim, ser enterrado. Isso faz lembrar o forte papel da magia e da cura que há nos quintais dessas famílias, sendo as plantas e as sementes utilizadas não somente para a alimentação, mas também para os cultos sagrados. O uso do galho das plantas do pinhão-roxo é prática comumente apreciada com as rezas, servindo para retirar o quebranto, o mau-olhado, interligada com as magias, os fenômenos sobrenaturais, tal como nos ajuda a compreender Milho Vermelho (2019):

[...] eu conheço muitas plantas; aprendi com os meus pais. Algumas servem para a cura de algumas doenças [...]. Você adoecer, vai no mato, pega uma casca de pau, faz um chá e consegue ficar curado [...]. A quina-quina é um remédio muito bom para cicatriz e fortalece os ossos [...]. Aí você aprende e vai passando de geração em geração para fortalecer a história dos nossos antepassados.

No texto “O alto da Pelelé”, o destaque é dado para os fenômenos sobrenaturais, seguindo o mesmo drama anterior, centrado na dimensão dos espíritos, no campo do desconhecido e enigmático. O conto fala das encruzilhadas, bem como da reverência e do cuidado que devemos ter com aquilo que não conhecemos, suscitando alguns daqueles personagens existentes da própria comunidade, como a madrinha Nena, severamente castigada ao transgredir o sobrenatural quando passou por uma encruzilhada ao subir o alto do Pelelé no horário da meia-noite, que era proibido. Embora a história traga um drama de ficção, também traz alguns elementos que instigam a reflexão, sobretudo o caráter punitivo presente na encruzilhada. Sobre esse termo, como foi criado na

sociedade brasileira? Por que será que as pessoas têm tanto medo de passar numa encruzilhada? Sem sombra de dúvidas, existem muitas inquietações que pairam sobre o sentido dessa palavra, podendo ser formulados muitos questionamentos, contudo não cabe aqui neste estudo nos determos demasiadamente a essa questão, mas é coerente afirmar que essa palavra é carregada de intolerância religiosa ligada aos rituais de matriz africana e à repressão ao culto. Sendo os Exus e as Pombagiras as entidades que representam no imaginário social os espíritos marginalizados, o malandro, a prostituta, aqueles/as que vivem na “encruzilhada” possibilitam a comunicação entre o mundo invisível (*orun*) e o visível (*aiyê*). “É na encruzilhada que os caminhos são abertos ou fechados na busca de equilíbrio entre o orun e o aiyê, e as Pombagiras e os Exus são aquelas entidades que também estreitam o diálogo entre esses mundos” (Santana Júnior, 2019, p. 68). Ademais, é na encruzilhada que o bem e o mal caminham juntos, estabelecendo a comunicação e contrariando os postulados do ideal cristão.

Afirma ainda Santana Júnior (2019) que é nas encruzilhadas que é possível pensar a própria ideia da terra das “civilizações” e dos conflitos que recaem sobre essa realidade, sendo as encruzilhadas os lugares que refletem as injustiças, os conflitos, onde ocorrem as lutas e reivindicações pelo espaço e sua legitimidade, mas que também abrem as possibilidades de escolhas, de organização, dos processos de decisões. Uma terra onde foi possível os quilombolas fincarem suas raízes em seus solos sagrados pela herança ancestral negra, fugindo da crueldade da escravidão, refugiando-se nos matos, estabelecendo processos de luta e resistência para alcançarem a liberdade e a formação dos primeiros quilombos, do Palmares e Zumbi dos Palmares. Consubstanciando as palavras de Ana Eugenio, quilombola do Sítio Veiga (2018, p. 22):

Para as famílias quilombolas, o território é o lugar que necessitam para a sua sobrevivência e a sobrevivência das gerações futuras. Foi neste espaço também que anteriormente nossos antepassados viveram, deixando, portanto, seus saberes e sabores para os que ficaram. Contudo, nós, quilombolas, somos herdeiros/as da luta e da resistência, protegidos pela ancestralidade.

Ou ainda:

É por essa razão que o território é de extrema relevância para nossas famílias, tendo em vista que foi e continua sendo o lugar onde nossas famílias usávamos/usamos para praticar nossos credos, buscar alimentação, enfim, o modo de nossa sobrevivência e das próximas gerações.

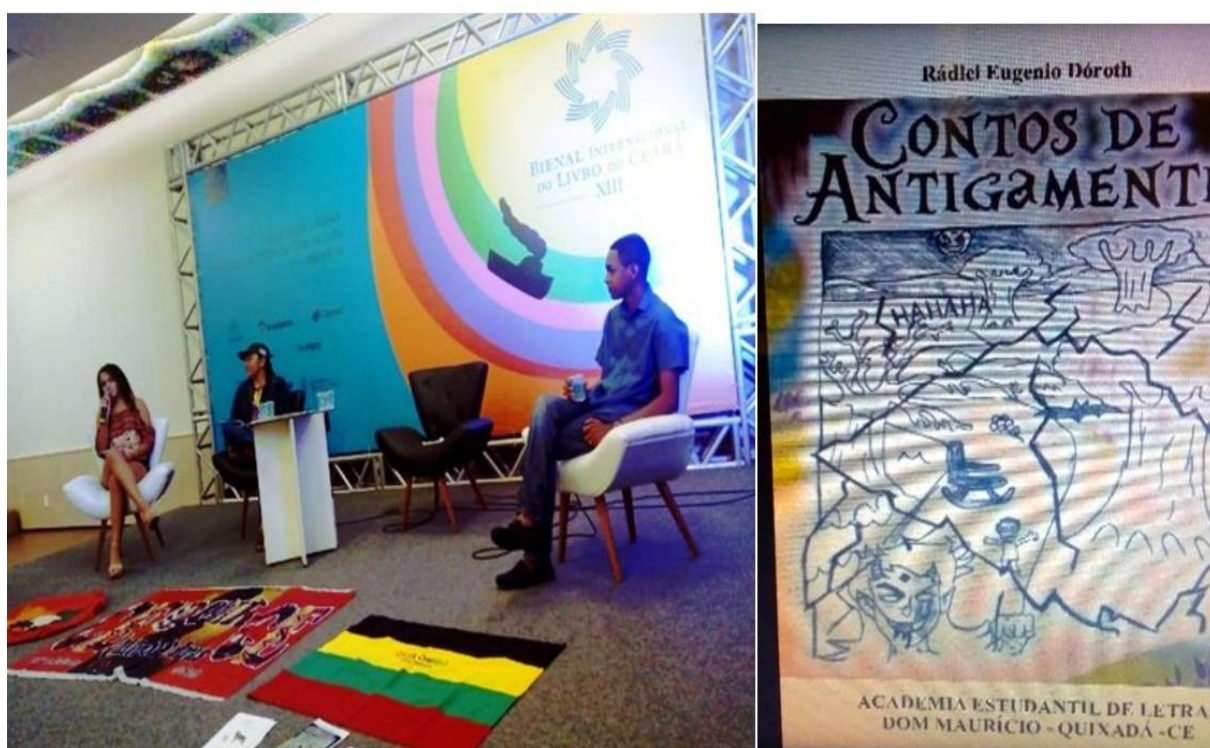
Nessa compreensão, encruzilhada tem essa forte relação com a terra e o território, que reflete e narra eventos históricos, a cultura de um povo, medos, traumas, sonhos e desejos, transformando histórias em ficções, mitos e fantasias, mas também propõe elementos de resistência contra a opressão, a violência e a marginalização presentes nos processos históricos que essas comunidades enfrentaram e ainda enfrentam. Sobre essa questão, Silva (2018, p. 23) assim se posiciona:

[...] a luta e a resistência dos quilombolas do Sítio Veiga sempre foi e continua sendo um marco muito forte e visível pela garantia dos direitos sociais, como acesso à educação de qualidade, saúde, cultura, lazer, território/territorialidade, cotas específicas para quilombolas, políticas públicas que respeitem as particularidades das comunidades tradicionais. São notáveis a importância e a profunda ligação que temos com o território. Este espaço deve ser respeitado e protegido por todos, pois é um lugar de conhecimento, resistência, luta e permanência destes povos, através das gerações.

Diante do exposto, fica registrado o trabalho de Dóroth através da memória de sua avó, o qual contribuiu para a sua educação, para a compreensão de quem foram seus entes queridos e o chão do seu quilombo, dos ensinamentos sobre o cultivo de sementes crioulas, dos remédios do mato, das crenças e valores, das magias, dos temores, mas também do encantamento, da fantasia. É nesses locais de assombração que também há a luta pelo território, as formas de organização e sobretudo a africanidade, cujos ensinamentos são fontes históricas dos povos africanos e suas diásporas no mundo.

Na Figura 1, é possível conhecer a representação do livro *Contos de antigamente*, apresentado na XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará. É oportuno enfatizar que na fotografia Dóroth se encontra do lado esquerdo, com vestido cor goiaba estampado, com as pernas cruzadas, sendo uma quilombola de pele branca, mas que se autodeclara e se reconhece explicitamente como de etnia quilombola, somadas às suas escritas para o fortalecimento de suas raízes ancestrais.

Figura 1 – Apresentação do livro *Contos de antigamente* por Dóroth na XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará⁷



Fonte: Cedida por Rádlei Eugênio Dóroth (2019).

Vale destacar ainda que, no conto “O homem que não ia ao enterro até o fim”, Dóroth já não destaca o seu avô como o protagonista da história narrada. Aqui a história apreendida ocorre através de sua genitora, Ana Eugenio, de uma geração anterior à sua, que também

⁷ Trabalho organizado com a participação da pesquisadora Fernanda Ielpo da Cunha, a convite de Dóroth e sua mãe, Ana Eugenio. A organização se deu na segunda edição do livro *Contos de antigamente*, apresentado na XIII Bienal Internacional do Livro no Ceará, em 2019. Aqui o nosso interesse foi contribuir com a visibilidade da cultura quilombola no campo da ciência e da pesquisa, da divulgação das obras literárias, situando a autora como produtora de seus saberes e da fruição da memória ancestral como fonte viva presente em suas narrativas orais, dadas pela mediação da contação da história e dos saberes apreendidos, socializados e compartilhados.

cresceu ouvindo as histórias de seus antepassados. “Uma vez, a minha mãe me contou por que devemos sempre ir ao enterro até o final e nunca só até o meio do caminho. Havia um homem que sempre ia ao enterro, mas nunca até o fim [...]” (Dóroth, 2017, p. 6). Dito assim, Dóroth abre uma porta que nos convida a conhecer Ana Eugenio e a famosa Cruviana, como veremos adiante.

ANA EUGENIO DA SILVA E A CRUVIANA: uma história de tirar o sono

Ana Eugenio da Silva também é referência no quilombo Sítio Veiga como contadora de história, mãe da autora Dóroth e filha da professora Maria do Socorro Eugenio da Silva, três gerações quilombolas de mulheres que sempre se mantiveram vivas nessa tradição. Lançar luz às contações de histórias de Ana Eugenio nos instiga a descrever um pouco de sua autobiografia, pois ela gosta de se apresentar como mulher negra quilombola, mãe solo, cotista, feminista, antirracista, militante do movimento quilombola do Ceará e *dançadeira* da dança de São Gonçalo. Sabe-se ainda que ela canta, encanta, escreve poemas, narra suas contações de histórias, relembando em cada debulha de feijão sobre o quanto é importante transformar o lúdico em aprendizado, fazendo a ponte entre a reminiscência do passado e a memória latente do presente, cujos contos narrados constroem a biblioteca oral deixada para as gerações futuras, tal como a história da Cruviana, contada no tempo de infância de Ana Eugenio por seu pai, Zé Lourenço.

José Lourenço, meu pai, quando não bebia era maravilhoso, sobretudo quando no período da colheita de feijão nos animava com as contações de histórias. Eu amava quando ele contava a história do compadre rico e do compadre pobre, era uma história que movimentava meu imaginário, principalmente por conta do pé de gameleira, na qual a história se passava. Nunca vi um pé de gameleira, mas sempre que vejo árvores grandes sou remetida de alguma forma a esse tempo/espço. Aquele momento fazia com que esquecêssemos os momentos de embriaguez e fome que nos tiravam a paz (Silva, 2018, p. 26).

Além disso, a contação de histórias apresentada por Ana Eugenio traz outros elementos que ressignificam as experiências de sua vida. Mesmo num contexto marcado pela desigualdade social, pelo sofrimento, pela violência e pela fome, que a acompanhavam, bem como a seus pares, ela também consegue expressar a alegria, a leveza, a resiliência e a relevância da contação de histórias para aliviar o bem-estar emocional. “É ouvindo histórias que se podem sentir emoções e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve ou as lê, com toda a significância e verdade que cada uma delas faz ou não brota” (Souza *et al.*, 2017, p. 234).

Aqui a história escolhida da Ana Eugenio foi a famosa Cruviana, que arrepiava os cabelos da criançada do quilombo e deixava os(as) que lá chegam cheios(as) de curiosidades e fantasias, como a pesquisadora em questão. Logo, a Cruviana é história contada a todos(as) os(as) que chegam ao quilombo pela primeira vez e que lá são convidados(as) para dormir. Assim, as perguntas iniciais feitas pelos(as) moradores(as) do quilombo são: “Você sabe quem é a Cruviana?”; “Você conhece a história da Cruviana?”. Claro que a resposta é: “Não conheço”. E essa foi a minha resposta. Diante de meu desconhecimento sobre a Cruviana – história essa que ganhou vida por Ana Eugenio, como veremos adiante:

A Cruviana⁸

Meu pai, Zé Lourenço, contava que certo dia chegou um viajante em um cavalo muito bonito e bateu na porta de um casal que morava no quilombo – já era bem tarde da noite – e resolveu pedir abrigo; falou que tinha vindo de muito longe e que nem ele nem o cavalo poderiam continuar a viagem, pois estavam muito cansados. O dono da casa respondeu: ‘Minha casa é pequena. Aqui já tem eu, minha mulher e meu filho, mas, se você quiser ficar e dormir, tem o alpendre’. O viajante respondeu que aceitaria. O dono da casa fez um alerta para o viajante, dizendo que tivesse muito cuidado, pois, quando dava de meia-noite chegando para a madrugada, a Cruviana apareceria e não deixaria ninguém dormir. O viajante foi dormir, mas ficou esperto: pegou um pau de jucá e deixou pertinho dele. Só que de repente começou a zoar, as árvores balançavam, as telhas voavam, o cavalo começou a ficar agitado, começou a se pisar. O viajante se desesperou, pegou o pau de jucá e disse que ia acabar com a Cruviana, mas a escuridão era terrível. Mesmo assim, correu em direção ao cavalo, pois achava que estava sendo atacado. Chegou lá perto do cavalo, pegou a vara de jucá e tacava em todos os lugares que ele imaginava que a Cruviana estivesse. De repente, tudo se acalmou e ele achou que tinha acertado nela e foi dormir morto de cansado. Quando foi de manhã, o dono da casa acordou primeiro do que o viajante, pois ele estava muito cansado da briga com a Cruviana que durou a noite quase toda. Quando ele se acordou, o dono da casa perguntou: ‘Como passou a noite? Você viu a Cruviana?’. O viajante respondeu que tinha visto a Cruviana, que passou a noite quase toda atrás dela e que a teria acertado com um pau de jucá e a matado. O dono da casa pediu ao viajante que eles fossem olhar a Cruviana morta; o viajante seguiu atrás dele e, quando eles chegaram perto do pé de jucá, o que encontraram foi o cavalo morto. O dono da casa perguntou: ‘O que você fez, meu amigo? O que você pensou que era a Cruviana?’. O viajante respondeu: ‘Eu pensei que era um bicho, meu amigo, uma coisa do outro mundo’. O dono da casa respondeu: ‘Meu amigo viajante, a Cruviana é o vento. Você não viu nem sentiu as árvores balançando, o frio da madrugada, as telhas querendo voar?’. O viajante perguntou: ‘Por que você não me falou? Você me fez matar o meu cavalo e passar a noite acordado. E agora, como vou seguir viagem sem o meu cavalo?’. O dono da casa respondeu: ‘Quem mandou você se precipitar?’. E assim terminou a história.

Eis aqui mais uma história que se sobressai no campo sobrenatural, encoberta agora pelo medo de uma tal Cruviana, a qual consegue despertar sentimento de um monstro imaginário, proposto a nos ensinar várias sensações sensoriais presentes no Sítio Veiga. O enredo, portanto, fala de um viajante desconhecido que pede abrigo no Sítio Veiga, mas que não consegue compreender o que o dono da casa lhe fala sobre a Cruviana e sua relação com o vento presente no quilombo. Desse modo, alheio aos aspectos sensoriais, é incapaz de compreender e sentir, por exemplo, o barulho do vento, que ocorre nas noites no quilombo. Em muitas circunstâncias, os(as) que lá habitam sabem distinguir cada tipo de som emitido nessa relação, como: o barulho do vento nas árvores, o barulho do vento sobre o telhado, o barulho do vento com a chuva, contudo quem não conhece apavora-se mesmo, precipita-se e sofre com seus temores, crenças, pensamentos irreais, tal como o comportamento do viajante

⁸ História contada por Ana Eugenio na primeira noite em que dormi na sua residência no quilombo Sítio Veiga.

ao matar seu cavalo por confundi-lo com a assombração, não se dando conta que a Cruviana era o vento (Cunha, 2020).

Reafirma ainda a autora em tela que quem vai pela primeira vez ao Sítio Veiga e desconhece a história real da Cruviana, de fato, pode ser acometido por sentimentos inimagináveis, pois a intensidade dos fenômenos da natureza pode causar estranhamento, principalmente para quem reside nos centros urbanos e vai para o interior, visto que no interior há poucas casas e muito mato, propiciando que o vento se intensifique, passando aquela sensação que está assobiando, gritando, despertando o sentimento de que é algo do plano sobrenatural, como verificou-se com o personagem viajante e seu cavalo, sujeito que passou a noite acordado atrás da Cruviana, sendo refém de si mesmo. Claro que, nos contos de assombração e nos contos horripilantes, os(as) contadores(as) de histórias e os(as) ouvintes são contagiados(as) por uma dose de adrenalina que desperta todo tipo de sensação, como afirma Gonçalves (s/d, p. 2): “[...] arrepios no ouvinte, ou um certo prazer sórdido do contador por ver os olhos arregalados e todos os sentidos alertas de quem está escutando a história, pronto para correr assustado a qualquer momento ou até mesmo ficar sem dormir”.

Assim, a Cruviana é uma história com muita emoção narrada pelos(as) moradores(as) do Sítio Veiga, a qual circula oralmente pelos(as) familiares e pelos(as) que vivem nas áreas adjacentes e no acolhimento daqueles(as) que lá se aconchegam. Ademais, essa história constitui ainda um olhar singular sobre alguns aspectos do quilombo, propondo reflexão sobre o cuidado com nossos sentidos para não sermos engolidos pelo medo desmedido em resposta ao nosso emocional, tal como a fúria e violência do viajante que matou o seu cavalo achando que fosse a Cruviana.

Reforça ainda Costa (2024) que, nas comunidades tradicionais, o assobiar, na maioria das vezes, encontra nas histórias de assombração uma forte relação com a “aparição” de um acontecimento que poderia ter sido de grande comoção social, deixando traumas: “[...] um pai que teria assassinado o seu filho e, após o incidente [...], passaria a ouvir um forte assobio que o deslocava a um estado de loucura” (Costa, 2024). Ademais, nesse caso, a autora em questão enfatiza que, nesse tipo de conto, os personagens são aterrorizados pelo assobiador e seus assobios, realçando que também pode acontecer encarnação do assobio de alguns pássaros nesses contos. Posto isto, no caso do viajante das narrativas, ele é apavorado pela materialização de um pássaro, que, no imaginário dele, seria a Cruviana assobiando.

Assim sendo, a Cruviana tem muito a nos ensinar, posto que produz ensinamentos interessantes sobre os nossos sentidos, nossa relação com o meio ambiente e consigo, à medida que vamos nos conectando com esses aspectos na resolução de nossos problemas, para construirmos uma atmosfera de escuta qualificada com aqueles(as) que nos têm muito a ensinar – nossos(as) ancestrais.

PROFESSORA MARIA DO SOCORRO E O PRIMO JORGE: uma adaptação criativa às práticas pedagógicas quilombola

A professora Maria do Socorro, educadora, faz parte da quarta geração quilombola, a qual é mãe da Ana Eugenio e avó da Dóroth, traçando uma trajetória educacional como a primeira quilombola entre seus pares a ser alfabetizada e a primeira a se formar professora e a alfabetizar seu povo, deixando um legado histórico de luta e dedicação em torno desse bem tão precioso. Tornou-se ainda a primeira professora a inaugurar a educação quilombola no Sítio Veiga e áreas adjacentes onde deu aula, antes mesmo da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares, e da

Resolução nº 8/2012, do Conselho Nacional de Educação (CNE,) que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Assim, o *modus operandi* da professora Maria do Socorro, com o uso da contação de histórias, era apresentado a seus alunos através de histórias de livros, romances, os quais ela adaptava à sua realidade e depois solicitava que seus alunos elaborassem um drama em torno desses personagens, trazendo essas experiências para a sua realidade local, a exemplo da história de primo Jorge, baseada na obra *Primo Basílio*, do escritor realista português Eça de Queiroz, publicado em 1878. A ordem dos personagens da obra de Eça de Queiroz, contudo, é diferente daquela apresentada pela professora Maria do Socorro. Nas contações da professora Maria do Socorro, primo Jorge era um homem casado que havia abandonado a esposa, Juliana, para se casar com outra mulher, trazendo uma trama de traições e vinganças entre os personagens, mas também de questionamentos sobre o casamento e o adultério e sobre os valores morais daquela época. Já na obra de Eça de Queiroz, primo Jorge era casado com Luísa, que mantinha um caso com o seu primo Basílio. Juliana era a governanta do casal Jorge e Luísa, a qual descobriu o romance de Luísa com o primo Basílio e chantageava Luísa, obtendo vários benefícios pessoais, extorquindo-lhe dinheiro, obrigando Luísa a fazer os afazeres domésticos quando o esposo não estava em casa em troca do seu silêncio. A obra de Eça de Queiroz gira em torno da sociedade portuguesa da época e também traz discussões e reflexões em torno do adultério, da hipocrisia, do caráter, da mediocridade e dos valores morais, sendo esses alguns dos principais aspectos destacados.

Então, propor a contação de histórias no processo educacional não é um mero ato de entreter as crianças, uma vez que impulsiona a imaginação, a criatividade e a linguagem, ao mesmo tempo que favorece a transmissão e formação de valores e a percepção do mundo e das relações sociais.

O ato de ler para criança estimula a sua imaginação, pois ao ouvir histórias ela cria seu próprio mundo, tem sua curiosidade aguçada, encontra ideias para solucionar problemas, tem a possibilidade de descobrir um mundo de conflitos, impasses e soluções em que todos vivenciamos, desenvolve a sua comunicação oral e por meio desse hábito a criança pode também desenvolver o gosto pela leitura, por isso, o professor/contador de histórias deve buscar maneiras lúdicas de levar a leitura para os pequenos [...] (Ismael, 2020).

Isto posto, a contação de histórias utilizada pela professora Maria do Socorro envolve muitos elementos para além do ato de narrar histórias, articulando-se a outros recursos, como os dramas, os quais conseguem avivar os personagens das contações de histórias nos dramas de seus alunos. Ademais, em contextos educativos que consideram a cultura local, a professora Socorro foi capaz de despertar não só a imaginação, a alegria, a interação dos educandos com sua didática, mas também a reflexão com temas sobre os valores e costumes morais daquele momento histórico, trazendo os personagens, as experiências, as semelhanças e as divergências da obra de Eça de Queiroz com os da realidade da sua comunidade. A esse respeito, os/as entrevistados/as senhor Pedro e senhora Rosimeire recordaram (relato oral, entrevista concedida em 14/10/2022), respectivamente:

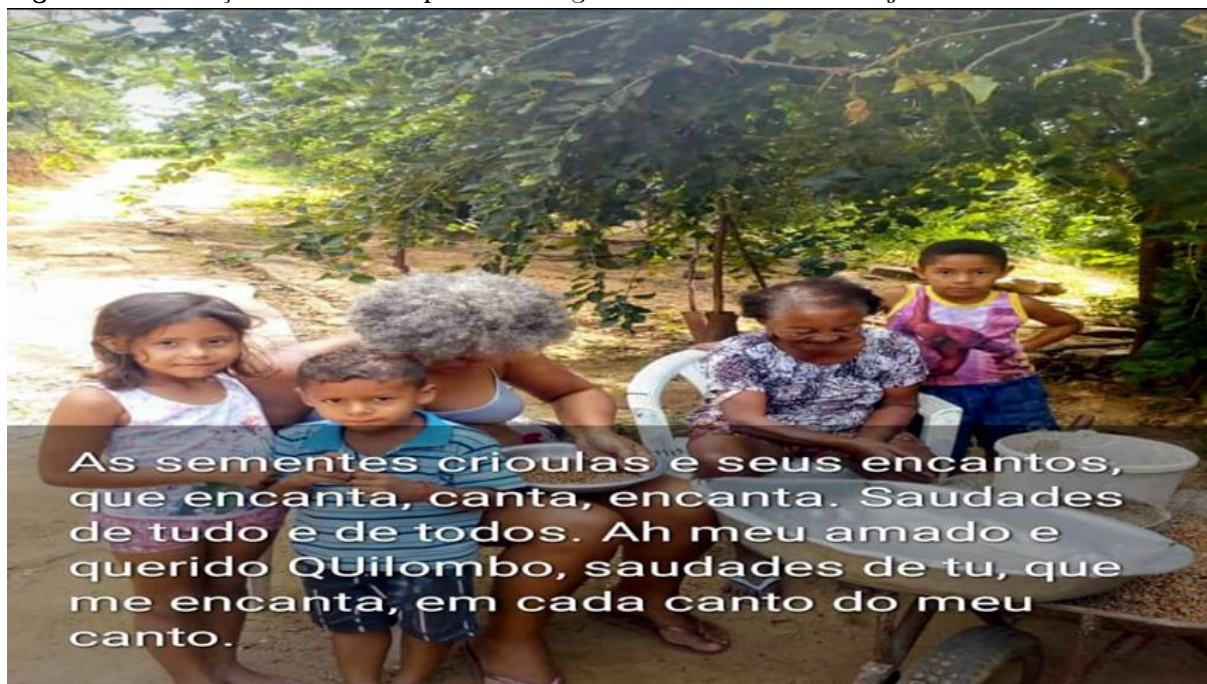
Eram muito divertidos os dramas que Socorro mandava a gente fazer. Como eu gostava daquelas brincadeiras [...] ela preparava os alunos, mandava os pais comprarem, às vezes, uma roupa, muitas folhas de papel para botar nos dramas, as folhas verdes para enfeitar os espaços; treinava os alunos para

apresentarem para o pessoal (Pedro, relato oral, entrevista concedida em 14/10/2022).

[...] eram bem animados, viu! Ela ensaiava com a gente com toda aquela paciência dela. A gente ensaiava e depois apresentava. O drama de que nunca esqueci foi do primo Jorge, eu era a mãe dele na história. Lembro que os personagens eram o primo Jorge, a mãe dele, a Juliana e a outra mulher, que não lembro o nome, mas sei que ela ia se casar com ele, e tinha a polícia. Ela improvisava as roupas quando dava certo; às vezes, íamos com nossas próprias roupas ou a comunidade emprestava: saia, blusa e um pano amarrado na cabeça. A história era de vingança; o primo Jorge aprontou com a esposa e ela se vingava dele dando veneno, e tinha muita confusão. Era engraçado demais (Rosimeire, relato oral, entrevista concedida em 14/10/2022).

Há ainda de se considerar que o ato de contar história fortalece as relações familiares, aproximando as gerações, compartilhando suas vivências e aprendizados, como explicitado nas falas do senhor Pedro e da senhora Rosimeire. Nas propostas da professora Maria do Socorro e seus(uas) alunos(as), o papel das famílias era algo indispensável. A família era sempre convidada a participar, a exemplo dos figurinos e do cenário, que os pais se uniam para tentar ornamentar, comprando ou emprestando o vestuário, principalmente nas temáticas que abordavam os temas mais polêmicos, como traição, crimes, vingança: “O ato de narrar forja a identidade individual e coletiva, cria vínculos comunitários” (Costa, 2024). Ademais, esses momentos também serviam para unir ainda mais a comunidade, cuja partilha, cooperação, participação e amizade também se revelavam como instrumentos presentes nas contações de histórias ao transmitir essa gama de sentimentos e valores de maneira lúdica, criando um ambiente não só de união como de afeto, cainho e participação dos pais nas atividades pedagógicas – elemento este fundamental no processo educacional e socioemocional das crianças e adolescentes. “A família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social” (Oliveira; Araújo-Marinho, 2010, p. 100).

Adiante é possível conhecer a professora Maria do Socorro ainda em vida no quilombo Sítio Veiga em um momento de contação de histórias. Na Figura 2, é possível perceber a conexão das duas gerações de contadoras, a professora Maria do Socorro e sua filha Ana Eugenio. Ambas têm um legado nas contações de histórias, perpetuado entre seus pares nas debulhas de feijão, rememorando o passado pelos dedos que se debulham entre os que já se foram e aqueles que cumprem o compromisso com esse passado, o presente e o futuro. Observam-se também na imagem algumas crianças do Sítio Veiga debulhando as sementes crioulas, ao mesmo tempo que se enchem de curiosidade, encantamento e alegria quando escutam atentas os contos narrados.

Figura 2 – Contação de histórias por Ana Eugenio nas debulhas de feijão

Fonte: Acervo do quilombo Sítio Veiga (2019).

Por fim, a professora Maria do Socorro deixou o seu legado como professora e contadora de história para o Sítio Veiga. Seus conhecimentos adquiriram uma memorável marca de conhecimentos de valor simbólico inesquecível para todos(as) aqueles(as) que foram alfabetizados(as) por ela, cujas sementes germinaram. Hoje ela já não vive entre seus pares, mas seus ensinamentos continuam sendo perpetuados entre as inúmeras gerações quilombolas. Sua herança prosperou em todos(as) aqueles(as) que entenderam sua luta incansável pela educação quilombola – ela conseguiu colocar nos bancos universitários alunos(as), mestres(as), doutores(as), os(as) quais são reflexos de sua luta, de seu legado, dos conhecimentos herdados pelas mais belas práticas pedagógicas, em que se inserem as contações de histórias.

CONSIDERAÇÕES

Os conhecimentos ancestrais são avivados em cada contação de histórias, assegurada pelas contadoras de história do quilombo Sítio Veiga – Dóroth, Ana Eugenio e a professora Maria do Socorro. Elas foram e são responsáveis por assegurar a oralidade e a memória dos conhecimentos ancestrais herdados, exercendo o papel na luta por manter vivos e atuantes seus costumes, valores e tradições. Em cada semente crioula, nos rituais sagrados, na luta pela terra e pelo território, elas atuam como mães, filhas, militantes, pesquisadoras, estudantes e contadoras de histórias.

Nas narrativas dessas contadoras e suas trajetórias de vida, é possível reacender o passado com o presente. Em cada contação de histórias, é possível rememorar os retalhos da vida daqueles(as) que já se foram. Nos dedinhos das debulhas de feijão das crianças do Sítio Veiga desde a mais tenra idade, elas se conectam com seus ancestrais, nas histórias de assombração, em que existem heróis, feitiços, plantas medicinais para a cura da alma e para as maldições, o que

faz dessa ação um ato lúdico, despertando a fantasia e a imaginação das crianças, servindo também como meio de resgate cultural na mesma ação, que é educacional.

São essas histórias que reúnem em comunhão todos que ali estão, as diversas gerações, que falam de seus sonhos e medos, mas que também se fortalecem enquanto povo descendente das diásporas africanas, que deixaram seu legado em cada semente crioula espalhada pelo mundo, cuja história se mantém pelas lembranças de seus ancestrais, nas contações de histórias, ressignificando suas existências enquanto quilombolas e guardiões(ãs) desse patrimônio sociocultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 nov. 2012a.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 dez. 2012b.

COSTA, E. M. P. Histórias de assombração e suas possibilidades para a formação da consciência. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-CE*, 19., 2024, Crateús. **Anais [...]**. Crateús: FAECE/UECE, 2024. Disponível em: https://uece.br/eventos/anaiseehanpuhce/trabalhos_completos/1262-80421-06102024-195751.pdf. Acesso em: 17 maio 2025.

CUNHA, F. I. **Biografia de uma educadora quilombola: formação docente e atuação da Maria do Socorro Eugenio da Silva (1955-2001)**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024.

CUNHA, F. I. **Os saberes ancestrais e o cultivo de sementes crioulas: estudo no Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-Ceará**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis) – Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

DOMINGOS, L. T. A visão africana em relação à natureza. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, p. 1-11, 2011.

DÓROTH, E. R. **Contos de antigamente**. Quixadá: Academia Estudantil de Letras Dom Maurício, 2017.

GONÇALVES, C. B. **Histórias de assombração**. Disponível em: https://avauea.uea.edu.br/pluginfile.php/239682/mod_resource/content/7/texto_unidade_III_%20assobra%C3%A7%C3%B5es%20docx%20%28Autoguardado%29%20%281%29.pdf. Acesso em: 17 maio 2025.

GREENME. Pinhão-roxo, para que serve? Usos medicinal e popular. **GreenMe**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/usos-beneficios/4035-pinhao-roxo-uso-medicinal-e-popular/>. Acesso em: 10 out. 2020.

HAERTER, L.; BARBOSA JÚNIOR, H. F.; BUSSOLETTI, D. M. A contação de histórias como elemento de resistência em comunidades quilombolas. **Boitatá**, Londrina, v. 12, n. 23, p. 89-102, 2017.

ISMAEL, B. L. A contação de histórias como estratégia de ensino na educação infantil. *In*: CONDEDU, 7., 2020, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: Realize, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/trabalho_ev140_md1_SA9_ID964_31032020133624.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

LÓPEZ, G. L. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**, Canoas, v. 1, n. 1, p. 45-50, 1999.

HAMPÂTÊ BÂ, A. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. p. 167-212.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, C. B. E.; ARAÚJO-MARINHO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Revista Estudos Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CM3Hj6VLtm7ZMxD3pRyhkn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2025.

SANTANA JÚNIOR, H. M. Direito à terra na encruzilhada. **SUR 29**, São Paulo, v. 16, n. 29, p. 67-75, 2019. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/12/05-sur-29-portugues-humberto-manoel-de-santana-jr.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

SILVA, A. M. E. **Enfrentamento e superação do câncer de mama**: narrativa autobiográfica de uma mulher negra quilombola. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Programa de Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

SOUZA, W. G. F.; SILVA, J. K. A.; SILVA, R. M.; DINIZ, W. B. S. Contação de histórias: o mito como ferramenta de aproximação entre a universidade e povos tradicionais. **Revista Conexão**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/9591>. Acesso em: 17 maio 2025.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, J. (org.). **História geral da África: metodologia e pré-história da África**. Tomo I. São Paulo: Unesco, 2010. p. 140-166.

- | Submetido em: abril de 2026
- | Aprovado em: junho de 2026
- | Publicado em: setembro de 2026